

"Brazilianista" vê quadro instável

por Celso Pinto
de Londres

O candidato à Presidência Fernando Collor de Mello conseguirá, sem grande esforço, 40 ou 42% dos votos no segundo turno, somando aos seus, os votos obtidos por Maluf, Afif e Aureliano Chaves na primeira fase. A chave da vitória, contudo, está nas mãos de Brizola, Covas e, principalmente, Ulysses Guimarães.

Esta é a previsão do professor Leslie Bethell, um "brasilianista" da Universidade de Londres que acompanhou, no Brasil, o período final do primeiro turno das eleições. Bethell analisou a eleição brasileira, terça-feira à noite, para uma platéia de cerca de 150 pessoas, que se comprimiram numa sala do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Londres.

Bethell acha que Collor tem mais chances de levar a Presidência, mas não descarta a possibilidade de Lula ganhar, caso a esquerda vote unida. Ele considera o papel de Ulysses importante menos pelos 4,4% de votos obtidos pelo PMDB do que pelo peso nacional de sua figura e a influência que poderá exercer sobre os 21 governadores pemedebistas.

A tendência natural dos governadores, nesta segunda fase, será olhar, antes de mais nada, seus interesses em relação às eleições do próximo ano e às eleições presidenciais de 1994. Os políticos, por sua vez, com um olho na reeleição no próximo ano, tenderão a compor-se com as forças estaduais que poderão ajudá-los, o que reforçará o papel dos governadores. Em alguns casos, supõe Bethell, como o do governador Orestes Quércia, não é provável que o apoio vá para o PT.

Qualquer que seja o eleito, Bethell acha que poderá vir a constituir uma ameaça à estabilização da democracia no País. Ele não acredita que o Exército impediria a posse de Lula, mas acha que, se sua gestão na Presidência for algo na linha do que fez Alan Garcia no Peru, os militares poderiam vir a interferir, com um projeto próprio e respaldo interno, antes do final de seu mandato. "É um cenário apocalíptico mas não impossível", diz ele.

No caso de Collor, o perigo poderia vir de outro lado, o de sua personalidade. Bethell considera Collor uma grande incógnita, com um programa indefinido, idéias confusas, sem partido e sem apoio parlamentar claro. O que ele tem, claramente, é um temperamento imprevisível e explosivo, "que muitos comparam ao de Jânio". Suas "tendências autoritárias" poderiam levar a situações em que a estabilidade democrática do País poderia vir a ser comprometida.

Bethell argumenta que o Brasil está saindo "dos

dois piores governos deste século: o do general Figueiredo e o de José Sarney", para entrar "no ano mais difícil", econômica, política e socialmente". Nenhum dos dois candidatos terá, a seu favor, uma maioria definida no Congresso Nacional — que, por sua vez, operará com poderes renovados. A tarefa do próximo presidente será extremamente complicada.

Mesmo que Lula perca o segundo turno, Bethell considera sua votação o maior e mais importante fenômeno eleitoral ocorrido. Nas eleições de 1986, lembra ele, o PT, em conjunto, ficou com apenas 3,5% dos votos nacionais. Ele emergiu do primeiro turno destas eleições como um partido nacional importante e, mesmo que perca a Presidência, deverá consolidar seu espaço nas eleições pa-

ra o Congresso no próximo ano. Sarney deixa o governo, especialmente depois da confusão da candidatura Silvío Santos, de forma melancólica. "É significativo que Silvío Santos tenha usado o Partido Municipalista na sua tentativa", diz Bethell. Para ele, a melhor descrição de Sarney — que ele entende ter sido o inspirador de Silvío Santos — é a de um "poeta municipalista".

PMDB — Se quiser, o governador Pedro Simon (PMDB) poderá participar ativamente da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva. Foi o que disseram ontem ao governador os dirigentes da Frente Brasil Popular no Rio Grande do Sul, segundo informa a Agência Globo.